

**MAYA ANGELOU: BIOGRAFIA E CRÔNICA SOCIAL
EM *EU SEI POR QUE O PÁSSARO CANTA NA GAIOLA***

Angela Maria Rubel Fanini¹

Jucélia da Silva Amaral²

Paulo Henrique da Cruz Sandrini³

RESUMO: Neste estudo pretendemos analisar a autobiografia *Eu sei por que o pássaro canta na gaiola*, da escritora afro-estadunidense Maya Angelou, sob a perspectiva da filosofia da linguagem de Mikhail Bakhtin e seu Círculo, utilizando-nos, sobretudo, de conceitos-chave como exotopia e dialogismo. Além disso, tencionamos destacar o caráter social do gênero discursivo em questão, que, neste caso, permite à autora narrar sobre o vivido de modo subjetivo ao mesmo tempo que conta a história do sujeito afro-estadunidense e suas lutas e resistências, entrelaçando o discurso pessoal da biografia ao social. Enfatizar as vozes femininas no romance e seu protagonismo também é ponto relevante de nosso estudo, visto que a escritora conta a sua história com o objetivo claro de demonstrar que, embora haja especificidade subjetiva, há também uma espécie de destino comum das mulheres afro-estadunidenses. Por meio de uma prosa positiva e otimista, pode-se observar que as vicissitudes da vida não enfraquecem a resistência negra nos EUA.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura afro-estadunidense; Autobiografia; Escrita feminina; Maya Angelou.

**MAYA ANGELOU: BIOGRAPHY AND SOCIAL CHRONICLE IN
*I KNOW WHY THE BIRD SINGS IN THE CAGE***

ABSTRACT: In this article we intend to analyze the autobiography *I know why the bird sings in the cage*, by African-American writer Maya Angelou, from the perspective of the philosophy of language by Mikhail Bakhtin and his Circle, using, above all, key concepts such as exotopia and dialogism. In addition, we intend to highlight the social character of the discursive genre in question which, in this case, allows the author to narrate about the lived subjectively while telling the story of the African-American subject and his struggles and resistance, intertwining the personal discourse from biography to social. Emphasizing female voices in the novel and their protagonism is also a relevant point of our study, since the writer tells her story with the clear objective of demonstrating that, although there is subjective specificity, there is also a kind of common destiny for African-American women. Through positive and optimistic prose, it can be seen that the vicissitudes of life do not weaken black resistance in the USA.

KEYWORDS: Afro-American literature; Autobiography; Female writing; Maya Angelou.

¹ Doutora em Teoria Literária pela Universidade Federal de Santa Catarina, UFSC e professora do Centro Universitário Campus Andrade, Uniandrade, e da Universidade Tecnológica Federal do Paraná, UTFPR. Bolsista em produtividade em pesquisa do CNPq. Contato: rubel@utfpr.edu.br

² Mestranda em Teoria Literária do Centro Universitário Campus Andrade, Uniandrade e professora da Secretaria Municipal de Educação do Paraná. Contato: juceamaral@yahoo.com.br

³ Doutor em Letras pela Universidade Federal do Paraná, UFPR e professor do Centro Universitário Campus Andrade, Uniandrade, Contato: paulosandriner@gmail.com

Apresentação

Neste artigo, visamos apresentar um pouco da vida da escritora estadunidense Maya Angelou e analisar uma de suas obras. Para isso, faz-se necessário tratar de alguns fatos que marcam a trajetória da autora desde a infância até a juventude, contextualizando seu nascimento, criação familiar e formação educacional. No entanto, a ideia de abordar de modo pormenorizado a biografia de Angelou não está em nosso escopo, uma vez que sua história de vida é repleta de muitas atividades sociais, culturais e políticas e, no espaço de nosso artigo, não caberia tal visão panorâmica plena. Vamos, assim, nos restringir a algumas situações vivenciadas por Maya Angelou, as quais ela toma por matéria prima para a escrita de *I Know Why the caged bird sings* (1969), cujo título em português é *Eu sei por que o pássaro canta na gaiola* (2018), livro que será objeto de nossa análise. O título do livro foi inspirado em um poema homônimo de Paul Laurence Dunbar (1878-1906), poeta e romancista, primeiro autor afro-estadunidense a obter reconhecimento nacional, tendo grande público. Seus escritos retratam a vida dos descendentes de africanos nos EUA de sua época. Ele se concentrou especialmente nas realizações e no orgulho afro-estadunidenses. Cabe acrescentar que, em *Eu sei por que o pássaro canta na gaiola* (2018), a autora narra a própria vida de maneira autobiográfica, e muito do que se encontra sobre ela fora do texto literário vai ao encontro do que é narrado em seu texto.

Marguerite Annie Johnson, nascida em 4 de abril de 1928 (St Luis, Missouri, Estados Unidos), ganhou o apelido de Maya, na infância, de seu irmão mais velho; já o sobrenome Angelou herdou de um ex-marido. Foi a segunda filha de uma enfermeira e de um porteiro e nutricionista da marinha dos EUA.

Publicado nos EUA em 1969, *I Know...* (primeiro livro de uma série de sete autobiografias) fez com que Maya Angelou se tornasse uma das primeiras mulheres negras a ter sua obra elevada ao status de *best seller* nos Estados Unidos, o que lhe rendeu uma indicação ao National Book Award, em 1974, um dos mais importantes prêmios literários dos EUA, concedido anualmente aos melhores livros escritos por cidadãos estadunidenses vivos. Sua primeira tradução só chegaria ao Brasil em 1996. Apesar da recepção positiva por parte da crítica, a obra foi duramente criticada pela sociedade estadunidense na década de 1980, e por isso mesmo foi banida das salas de aula por muitos anos. Isso se deu em decorrência de a escritora narrar (em capítulo exclusivo para o fato) detalhes do estupro que sofreu aos oito anos.

Angelou, ao longo de sua vida, rompeu vários paradigmas. Foi a primeira mulher negra a conduzir trens nos EUA logo depois de se tornar mãe aos dezesseis anos. No cinema e na TV, foi diretora, roteirista e produtora cultural, funções preferencialmente masculinas na época. Como atriz, atuou em várias peças e musicais da Broadway. Foi também professora e poeta, escrevendo um dos poemas mais lidos nos EUA, denominado *Still I Rise* (*Ainda assim eu me levanto*).

Ainda me levanto
Você pode me inscrever na História
Com as mentiras amargas que contar,
Você pode me arrastar no pó
Mas ainda assim, como o pó, eu vou me levantar.
Minha elegância o perturba?
Por que você afunda no pesar?
Porque eu ando como se eu tivesse poços de petróleo
Jorrando em minha sala de estar.
Assim como lua e o sol,
Com a certeza das ondas do mar
Como se ergue a esperança
Ainda assim, vou me levantar
Você queria me ver abatida?
Cabeça baixa, olhar caído?
Ombros curvados com lágrimas
Com a alma a gritar enfraquecida?
Minha altivez o ofende?
Não leve isso tão a mal,
Porque eu rio como se eu tivesse
Minas de ouro no meu quintal.
Você pode me fuzilar com suas palavras,
E me cortar com o seu olhar
Você pode me matar com o seu ódio,
Mas assim, como o ar, eu vou me levantar
A minha sensualidade o aborrece?
E você, surpreso, se admira,
Ao me ver dançar como se tivesse,
Diamantes na altura da virilha?
Das chochas dessa História escandalosa
Eu me levanto
Acima de um passado que está enraizado na dor
Eu me levanto
Eu sou um oceano negro, vasto e irrequieto,
Indo e vindo contra as marés, eu me levanto.
Deixando para trás noites de terror e medo
Eu me levanto
Em uma madrugada que é maravilhosamente clara
Eu me levanto
Trazendo os dons que meus ancestrais deram,
Eu sou o sonho e as esperanças dos escravos.
Eu me levanto
Eu me levanto
Eu me levanto!

Esse escrito se tornou um significativo manifesto do movimento negro nos Estados Unidos, conhecido e declamado por milhares de leitores. A contribuição de Angelou para o movimento afro-estadunidense foi significativa, indo além do campo da produção cultural. A escritora foi ativista contra a segregação racial nos EUA e amiga pessoal de líderes políticos importantes para a comunidade negra como Martin Luther

King⁴ e Malcolm X⁵, o que lhe permitiu participar ativamente do processo de independência e de resistência das comunidades negras estadunidenses. Nos anos sessenta, viveu no Egito e em Gana, onde trabalhou como editora de jornais, escrevendo artigos voltados às causas do povo negro. Atuou junto aos movimentos de direitos civis pela defesa da cultura e do povo negro. Também se envolveu em missões humanitárias na África. Devido à sua atuação cultural e social, ocupou cargos públicos nos governos dos presidentes Ford (1974-1977) e Carter (1977-1981), em diferentes comissões que envolviam a cultura afro-americana. Décadas mais tarde, tornou-se uma das maiores influências na luta contra o racismo e pelos direitos civis dos negros nos EUA, sendo apontada como exemplo de superação. Angelou ocupou muitos espaços que até então eram reservados aos homens e aos brancos. Conseguiu ressignificar o que era ser mulher e negra em uma sociedade escravagista, branca, sexista.

Eu sei por que o pássaro canta na gaiola: biografia e crônica social

Lukács (1968), teórico e político vinculado à tradição histórico-materialista, também se debruçou sobre estudos de estética. Na obra *Ensaio sobre literatura*, trata especificamente do gênero romanesco, apontando nesse tipo de comunicação, a ligação do mesmo à realidade social, destacando que o ato enunciativo criativo é simultaneamente biografia e crônica social haja vista que o escritor é homem histórico ancorado em certas coordenadas históricas, partilhando de valores advindos dessa realidade concreta. O romance trata de uma vida ou vidas particularizadas, sendo biografia, mas que podem ser generalizadas socialmente, enunciando-se enquanto crônica social. As personagens são específicas e singulares, mas representam seres humanos concretos e históricos, daí a possibilidade de partilhar a história com os leitores que podem se identificar com as mesmas em certo grau. O romance é uma representação realista da sociedade, ou seja, uma crônica social. No entanto, recria vidas particulares por intermédio das personagens. Essas representam homens e mulheres concretos, generalizando a recriação. Angelou recria a si mesma na obra em questão, mas essa recriação remete também à sua comunidade, sendo a um só tempo, biografia e crônica social. Mobilizamos nesse sentido a perspectiva do pensador húngaro.

Nessa obra de Maya Angelou podemos perceber múltiplas possibilidades de abordagens, haja vista que a escritora trata de muitas situações históricas (a compreender décadas) em que os acontecimentos são descritos e narrados de modo a impactar a vida dos personagens. Os temas são variados e abarcam a economia algodoeira - em que os negros trabalhavam em regime de exploração laboral -, o sistema educacional segregacionista - em que as melhores escolas eram as de comunidades

⁴ Martin Luther King Jr (1929-1968) foi um pastor protestante batista e ativista político estadunidense que se tornou a figura mais proeminente e líder do movimento dos direitos civis negros nos Estados Unidos até seu assassinato em 1968.

⁵ El-Hajj Malik Al-Shabazz (1925-1965), mais conhecido como Malcolm X, foi um dos maiores defensores do Nacionalismo Negro nos Estados Unidos. Fundou a Organização para a Unidade Afro-Americana, de inspiração separatista.

brancas -, o acirramento do racismo no sul dos EUA, os movimentos de emancipação negra, entre outros. Grande parte das situações narradas na autobiografia de Angelou evidenciam a divisão racial e o racismo estrutural nos EUA. A obra é rica historicamente, pois é reflexo de fatos ocorridos que, de uma maneira ou de outra, não afetaram somente a autora e sua família, mas toda a comunidade negra estadunidense entre 1920 e 1940 aproximadamente. *I Know...* ganha importância também por ser uma crônica social acerca do embate entre negros e brancos nos EUA.

A vida de Maya, como personagem principal, é narrada desde sua infância (três anos) até a juventude (dezesesseis), período longo e atribulado. Porém, apesar do universo inóspito em que vive, Maya demonstra, em sua narrativa, que esse ambiente a fortaleceu, deu-lhe empoderamento feminino e a levou a superar as limitações impostas pela cor. Cabe ressaltar que a escritora, em suas entrevistas e também em sua atuação social e política de militância, demonstra sempre um otimismo em relação à vida, mesmo que esta seja difícil e traga muitos dissabores. Em entrevista à jornalista e apresentadora Oprah Winfrey, Angelou fala sobre seu livro ter sido banido de diversas cidades estadunidenses. De acordo com a autora, isso se deu por conta de ela ter narrado o estupro que sofreu quando criança. Por outro lado, sua obra deu a possibilidade a muitas leitoras de acreditarem que é possível sobreviver às mais duras situações existenciais. Com isso, é possível dizer que a obra de Angelou possui uma função social para a sua comunidade leitora.

Oprah: Acabei de ler que *Caged Bird* está na lista da American Library Association dos dez livros mais solicitados para proibição.

Maya: Sim. Mas muitas das pessoas que querem que ele seja banido nunca leram uma página do meu livro.

Oprah: Por que eles querem que seja banido - por causa do estupro?

Maya: Por causa do estupro. No entanto, acabei de ler em algum lugar que, depois de ler *Caged Bird*, uma mulher percebeu que não estava sozinha. Acho que em alguns casos o *Caged Bird* salvou algumas vidas - não apenas a qualidade de vida, que é muito importante, mas a própria vida. Recebo cartas de mulheres e homens jovens e posso dizer a eles: "Você pode sobreviver ao estupro. Nunca se esqueça disso - nem mesmo pense nisso. Mas você pode sobreviver e continuar." ⁶

Destacamos também, neste estudo, as vozes da protagonista e das mulheres negras mais significativas para a vida da autora. Anne Henderson (Momma), avó paterna de Maya, mulher forte, corajosa e inteligente que cuida de Maya durante a maior parte de

⁶ Texto original: "Oprah: I just read that *Caged Bird* is on the American Library Association's list of the ten books most often requested for banning. Maya: Yes. But many of the people who want it banned have never read a page of my book. Oprah: Why do they want it banned — because of the rape? Maya: Because of the rape. And yet I just read someplace that after a woman had read *Caged Bird*, she realized she wasn't alone. I think in some cases *Caged Bird* has saved some lives — not just the quality of life, which is very important, but life itself. I get letters from young women and men, and I am able to say to them, "You can survive rape. You never forget it — don't even think that. But you can survive it and go on." (<https://www.oprah.com/omagazine/oprah-interviews-maya-angelou/all>)

sua infância, ensinando-lhe a sobreviver em um ambiente hostil, sem jamais perder a dignidade ou deixar com que as agruras vividas na infância e as experiências negativas a abalassem a ponto de perder a fé na vida, o que faz de Momma figura central na formação pessoal da autora. Vivian Baxter, mãe de Maya, mulher de temperamento forte, independente, que muitas vezes se utiliza de artifícios, como a beleza física, para dominar os homens e fazer com que ajam conforme suas necessidades. Apesar de sua ausência durante a infância de Maya, foi em Vivian que a protagonista encontrou muito do apoio para vencer os obstáculos da vida adulta. Sra. Bertha Flowers foi a figura feminina responsável por auxiliar Maya a sair do trauma sofrido em decorrência do estupro. Foi por meio da Sra. Flowers que a narradora desenvolveu seu poder da oralidade e de uso das palavras como estratégia de luta. Partindo, então, dessas observações, podemos nos concentrar, mais adiante, em uma análise mais detalhada dessas personagens.

Perspectiva teórica para a análise da obra

Para nos auxiliar na análise das vozes femininas, nos valeremos de alguns conceitos-chave advindos da filosofia da linguagem de Mikhail Bakhtin e de seu Círculo, enfocando sobretudo as vozes sociais e o registro autobiográfico. Mikhail Bakhtin (1895–1975, Moscou) foi um pesquisador da linguagem humana. Seus escritos, em uma variedade de assuntos, inspiraram trabalhos de estudiosos de diferentes tradições (marxismo, semiótica, estruturalismo, crítica religiosa) e em disciplinas tão diversas como a crítica literária, história, filosofia, antropologia e psicologia. Ele foi o líder intelectual de estudos científicos e filosóficos desenvolvidos por um grupo de estudiosos russos de formações variadas, que se reuniam em encontros para discutir arte, literatura, filosofia e linguagem. O grupo de estudos ficou conhecido como o "Círculo de Bakhtin".

No livro de Maya Angelou, *Eu sei por que o pássaro canta na gaiola*, temos uma escrita de si, caracterizando a obra como autobiografia. A autora revisita o seu passado, suas memórias e transforma a si mesma em personagem. Entretanto, como em qualquer enunciação autobiográfica, Angelou distancia-se de si mesma para poder falar sobre si e também sobre os outros, que vão surgindo em forma de personagens que se relacionam com a protagonista autora. Essa biografia pode ser vista como crônica social por estar inserida e ancorada em coordenadas históricas e espaciais concretas. É um narrar sobre/a partir de si e acerca de fatos sociais e históricos em que esteve inserida a escritora. Daí que seu discurso já não é só enunciador de uma vida subjetiva apartada das demais. A obra é ao mesmo tempo biografia e documento histórico. Maya torna-se um duplo, é ela mesma, mas também já é uma outra vista a distância no tempo/espço. A linguagem é sempre um elemento mediador entre o vivido e o escrito. À medida que escreve, Angelou analisa os fatos de um certo local e espaço exotópicos, em certo grau. A exotopia aqui mobilizada é advinda da obra de Bakhtin (1992, 2010), encontrando-se esse conceito como um dos fundamentos de sua visão de cultura e linguagem. O conceito não se encontra definido de modo preciso e exato em sua obra visto que é um dos pilares que embasa a sua perspectiva de alteridade. Essa perspectiva afasta-se do conceito de

sujeito isolado, vinculando-se à ideia dialógica em que o eu só se define em contraste com o outro. Para que o sujeito se esclareça para si mesmo é necessário o olhar do outro sobre si. Esse movimento de entender a si pela alteridade, Bakhtin denomina de exotopia. A exotopia é condição inerente ao ato social uma vez que não existe sujeito isolado, mas se configura enquanto intersubjetividade. Mesmo em atitude de monólogo, o sujeito experiencia a exotopia, pois passa a se analisar de modo parcialmente objetivado e distanciado. É sujeito e objeto do discurso. O eu do monólogo se refere a si como um outro. A exotopia também é condição *sine qua non* para se entender a própria cultura em contraste com outras culturas. A exotopia também permite se esclarecer sobre a temporalidade, pois o presente se ilumina em diálogo e embate com o passado. É preciso sair de si mesmo para entender sua personalidade, sua história e sua cultura. Angelou entende a sua identidade negra em confronto com o branco de modo exotópico. E percebe a si mesma quando, já em outra temporalidade, o presente da narrativa, analisa a sua infância e juventude de modo exotópico também.

A escritora, já adulta, escreve sobre a menina que foi. Há mediação discursiva e valorativa nessa enunciação romanesca. No seu relato, já enquanto escritora, vê a menina e a jovem Maya e as mobiliza no tempo/espaço - lembrando que para Bakhtin o tempo é histórico e o espaço é social – estadunidense sofrendo e resistindo às atitudes sexistas e racistas. A sua narrativa, embora pessoal, é também representativa de toda uma comunidade de mulheres negras cujas vidas se assemelham. O romance se generaliza a partir da particularidade de uma vida. Essa vida é narrada não por intermédio de um narrador fechado e enclausurado em si, mas dada na corrente da concretude existencial, assegurando, assim, a sua representatividade social e histórica. Bakhtin (2010) nos auxilia ao asseverar que a linguagem parte do sujeito que a emite, mas também é produto e prática social. Desse modo, manifesta o emissor e também se comunica com o social, com os outros, em dada comunidade partilhada. Maya conta a sua história e a compartilha com seus leitores. Essa partilha só é possível porque há horizonte ideológico semelhante entre leitores e, sobretudo, leitoras.

Em essência, para a consciência individual, a linguagem enquanto concreção socioideológica viva e enquanto opinião plurilíngue coloca-se nos limites de seu território e nos limites do território de outrem. A palavra da língua é uma palavra semialheia. Ela só se torna “própria” quando o falante a povoa com sua intenção, com seu acento, quando a domina através do discurso, torna-a familiar com a sua orientação semântica e expressiva. (BAKHTIN, 2010, p. 100).

A partir do momento em que a autora reconta a sua história, sua linguagem não representa mais somente a sua subjetividade. Conta suas experiências vividas, narrando sua infância e adolescência por intermédio do olhar da outra Maya, a adulta e escritora. Sua linguagem comporta duas visões não excludentes, mas dialogicamente interconectadas. A Maya, infante e juvenil, não desaparece; passa a fazer parte de outra Maya, a que se observa e analisa, aproximando-se e distanciando-se de si. O dialogismo discursivo se fortalece nessa interação. O olhar sobre si é identificação e exotopia ao mesmo tempo. Não é dicotômico, pois engloba experiências de vida do passado e do

presente. Por meio desse seu olhar exotópico é como se a autora formulasse então uma nova versão dela mesma, torna-se a partir desta observação de si uma outra pessoa, povoando seu discurso com experiências já vividas. Todavia, não deixa de ser a Maya do passado cuja vida é tema da Maya do presente. Não é possível metrificar esses polos, pois estão imbricados dialogicamente. A autora faz um movimento de identificação e abstração de si para poder se ver melhor e se contextualizar no momento histórico e social vivido. O registro autobiográfico se comporta dessa maneira.

No caso de nossa autora, ela constrói uma narrativa de si que se dá de forma exotópica, uma vez que recria a si mesma afastada, em parte, de sua infância e juventude. Passam-se anos nessa autobiografia, pois a escrita é sobre o vivido, o passado. Obviamente que a exotopia não é total porque há uma narrativa sobre si que não se neutraliza. Portanto, há uma distância parcial de si. A total exotopia é impossível, pois teríamos que nos transformar em outro ser, totalmente diverso de nós mesmos. Bakhtin (1992), ao analisar a relação entre autor e herói, apregoa que o autor sabe mais do que o herói, criando assim um excedente de visão em relação à existência do herói e a sua consciência. No caso de Maya, ela é autora e heroína; não deixa de ser ela mesma, mas se enxerga de modo distanciado no tempo/espaço. Ela se vê sob a perspectiva da escritora adulta, não mais exclusivamente sob a ótica de menina e de jovem que foi. Entretanto, a menina e a jovem que foi não são neutralizadas. Estão também ali a partir de uma imbricação dialógica. Maya se distancia e se aproxima de si mesma no relato da obra.

(...) O discurso do herói sobre si mesmo é impregnado do discurso do autor sobre o herói; o interesse (ético-cognitivo) que o acontecimento apresenta para a vida do herói é englobado pelo interesse que ele apresenta para a atividade artística do autor. (BAKHTIN, 1992, p.34)

Maya se recria contextualizando sua história afro-estadunidense. A sua trajetória de vida se estende à realidade de outras mulheres parecidas com ela. A autora, ao falar de si, se dá conta de que fala também de outras mulheres cujos destinos se parecem com o dela. A enunciação parte de si e também parte de um outro, ou seja, é o relato de Angelou, mas pode ser o relato de muitas “Angelous” nos EUA. É um romance intersubjetivo. Assim também se dá a exotopia. O discurso literário, nesse caso, é social porque engloba o outro. O eu e o outro se encontram no discurso:

(...) o autor deve situar-se fora de si mesmo, viver a si mesmo num plano diferente daquele em que vivemos efetivamente nossa vida; essa é a condição expressa para que ele possa completar-se até formar um todo, graças a valores que são transcendentais à sua vida, vivida internamente, e que lhe asseguram o acabamento. Ele deve tornar-se outro relativamente a si mesmo, ver-se pelos olhos dos outros. (BAKHTIN, 1992, p. 36)

A obra de Angelou é um documento cultural, étnico e histórico. Afirma ela sobre essa contextualização a que nos referimos: “Quando escrevo eu, o significado é nós”⁷ Na

⁷ *Maya Angelou, e ainda resisto*, disponível em Netflix em: <https://www.netflix.com.br/maya-angelou-e-aindaresisto/28668>.

entrevista já citada, novamente temos nas palavras de Angelou o destaque para o caráter social de sua obra que fala de si, mas também de outrem:

Oprah: Quando vemos você, estamos vendo toda a sua história.

Maya: Isso mesmo - toda a minha história como mulher afro-americana, como mulher judia, como mulher muçulmana. Estou trazendo tudo que já conheci [e todas as histórias que li] - tudo de bom, forte, gentil e poderoso. Trago tudo comigo em todas as situações e não vou permitir que minha vida seja minimizada pelo racismo, sexismo ou preconceito de ninguém. Eu não vou. Vou levar a história escandinava da princesinha, vou levar a história de Heidi nas montanhas dos Alpes, vou levar a história de O-Lan no livro de Pearl S. Buck, *The Good Earth*, vou levar todos eles. Eu os pego, e os conheço, e sou eles. Então, quando eu entro em uma sala, as pessoas sabem que alguém entrou - elas simplesmente não sabem que são 2.000 pessoas!⁸

Ao lermos o romance autobiográfico de Angelou, conseguimos observar as divergências entre posições ideológicas, sociais e raciais, principalmente as oposições entre negros e brancos. No romance, as vozes negras e femininas é que protagonizam a trama e expõem os fatos. É o protagonismo da voz negra feminina no contexto cultural estadunidense. O romance é representativo dessa voz. Exotopicamente, Maya, já no patamar de escritora consagrada, emite sua voz sobre parte da história negra dos EUA:

Em *Stamps*, a segregação era tão completa que a maioria das crianças negras não tinha a menor ideia de como os brancos eram. Fora isso, eles eram diferentes, deveriam ser temidos, e nesse medo estavam incluídas a hostilidade do impotente contra o poderoso, de pobre contra o rico, do trabalhador contra o patrão e do maltrapilho contra o bem-vestido. (ANGELOU, 2018, p. 41)

Angelou, ao narrar as agruras pelas quais passa no mundo dos brancos, demonstra que soube lutar e resistir, fortalecendo-se. A sua luta é também a luta de muitos negros e negras estadunidenses. Temos aí também a exotopia, pois o confronto de identidade negra e branca esclarece as diferenças. O estar fora da cultura branca, ou seja, em posição exotópica, esclarece a identidade negra e possibilita a luta contra o preconceito e o racismo. Bakhtin novamente nos ampara nessa questão:

A cultura alheia só se revela em sua completude, em sua profundidade aos olhos de outra cultura (e não se entrega em toda a sua plenitude, pois virão

⁸ Texto original: Oprah: When we see you, we're seeing all of your history. Maya: That's right — all of my history as an African-American woman, as a Jewish woman, as a Muslim woman. I'm bringing everything I ever knew [and all the stories I've read] — everything good, strong, kind and powerful. I bring it all with me into every situation, and I will not allow my life to be minimized by anybody's racism or sexism or ageism. I will not. So I will take the Scandinavian story of the little princess, I will take the story of Heidi in the Alpine mountains, I will take the story of O-Lan in Pearl S. Buck's book *The Good Earth*, I will take them all. I take them, and I know them, and I am them. So when I walk into a room, people know that somebody has come in — they just don't know it's 2,000 people! (<https://www.oprah.com/omagazine/oprah-interviews-maya-angelou/all>)

outras culturas que verão e compreenderão ainda mais). Um sentido revela-se em sua profundidade ao encontrar e tocar outro sentido, um sentido alheio; estabelece-se entre eles como que um diálogo que supera o caráter fechado e unívoco, inerente ao sentido e à cultura considerada isoladamente. Formulamos a uma cultura alheia novas perguntas que ela mesma não se formulava. Buscamos nela uma resposta a perguntas nossas, e a cultura alheia nos responde revelando-nos seus aspectos novos, suas profundidades novas de sentido. (BAKHTIN, 1992, p. 367-368).

Assim, registrar a vida em formato de autobiografia, ao mesmo tempo que parece libertador para a autora, parece ser também uma tentativa de responder algumas incertezas que ela traz consigo, desde sua infância e juventude. Angelou trata da difícil luta de constituir sua identidade em ambiente inóspito: “Se crescer já é doloroso para uma menina negra do sul, estar ciente de que você não pertence àquele lugar é a ferrugem na navalha que ameaça cortar sua garganta. É um insulto desnecessário” (ANGELOU, 1996, p. 76). A consciência de classe e de etnia é dolorosa. Essa consciência é a de muitos iguais a ela. A ideia de não pertencimento ao mundo dos brancos é possível via perspectiva exotópica. Maya se constitui em confronto, em embate. Não é branca, é negra. E nesse desencontro exotópico é que esclarece a sua identidade e de outras tantas Mayas.

Os fatos descritos nos remetem a um passado que se apresenta como memórias e sentimentos vividos pela personagem. Em sua enunciação, nos permite inferir que busca um significado mais claro para as “lembranças vivas” em sua mente. E então surge a dor. Desse modo, os fatos, embora vistos distanciados, ainda fazem sofrer, pois a linguagem não é somente analítica, mas engloba o fato e o revive. A narrativa tem um tom de emoção, um tom trágico, de sofrimento e também de análise. Narrar o passado é se distanciar e ao mesmo tempo se aproximar dele novamente. Por isso, a exotopia total nunca acontece. A situação de estupro vivida exemplifica essa questão. É forte, triste, emocionante, comovente e também pode se estender a outras meninas que, como ela, passaram por tal tipo de violência. Esta passagem do livro nos revela: “O ato de estupro em um corpo de oito anos é questão da agulha deixar o camelo passar pelo seu buraco por não ter outra opção. A criança cede porque o corpo pode, e a mente do violador não consegue” (ANGELOU, 2018, p. 100). O trecho em que narra o estupro e como sobrevive a ele é também uma forma de Angelou se fortalecer, pois embora a violência sofrida tenha deixado marcas profundas na sua existência, ela resiste ao fato.

Fragmentos da obra: a particularização da personagem e sua generalização

A obra é narrada por Maya, empregando o discurso direto em primeira pessoa. É seu testemunho particular e histórico, que se inicia por sua infância atribulada. Seus pais (que viam as crianças como fardos que impediam sua autonomia) decidem mandar Maya e seu irmão Bailey para viver com a avó paterna em Stamps, no Arkansas, sul dos EUA. A avó tem um pequeno comércio que atende brancos e negros. No espaço do armazém é

preciso muita cautela. A avó, Momma, é mulher forte, decidida, mas cuidadosa no trato com os brancos, pois sabe do poder deles, inclusive de suas ligações com a associação Klan⁹ que vigiava seu estabelecimento e seu comportamento para encontrar alguma falha e assim poder agir de modo violento. Nesse clima de racismo, as crianças foram criadas e se tornaram cientes de que as relações com brancos deveriam ser mínimas. Essa ida das crianças para o sul é revelada como uma prática estadunidense, adotada sobretudo pelas famílias negras pobres cujos pais migravam para o norte em busca de melhores trabalhos na indústria. Os filhos, então, eram deixados temporariamente com parentes que viviam no sul. Veja-se que a situação narrada não é exclusiva de Maya, mas se generaliza, dotando a obra de valor histórico ao narrar tal situação social. O negro, por razões econômicas, migra para o norte, fragmentando a unidade familiar. Na passagem seguinte temos excertos ilustrativos:

Anos depois, descobri que os Estados Unidos foram atravessados milhares de vezes por crianças Negras assustadas, viajando sozinhas até encontrar seus novos e prósperos pais em cidades no norte, ou de volta até os avós em cidades do sul quando o norte urbano falhou com suas promessas econômicas. (ANGELOU, 2018, p. 20)

Momma, a avó, era viúva, filha de ex-escravos, próspera e respeitada como comerciante, proprietária do único mercado localizado no “coração” da área dos negros; porém, seu comércio atendia brancos e negros, como registramos. Maya se beneficia muito do convívio com a avó, fortalecendo sua identidade negra, mas ao mesmo tempo mantendo-se alerta e cautelosa ao poder branco, como ensinado por sua avó.

As pessoas falavam de Momma como uma mulher de boa aparência, e alguns, que se lembravam dela na juventude, diziam que era muito bonita. Eu só via seu poder e sua força. (ANGELOU, 1996, p. 65)

A presença da avó, na falta dos pais, lhe garante afeto e segurança para enfrentar as humilhações e limitações impostas pela condição racista. Momma valorizava a educação e se apresenta bastante rígida quanto à instrução intelectual de Maya e Bailey. Os irmãos se tornam leitores assíduos de obras literárias e têm um desempenho extraordinário na escola. A avó exige deles que se dediquem aos estudos, vislumbrando uma ascensão social dos netos. Ela lhes dava muitos conselhos e os protegia contra o que o racismo poderia proporcionar para todo e qualquer negro.

Momma pretendia ensinar a Bailey e a mim a usar os caminhos da vida que ela e a geração dela e todos os outros Negros anteriores encontraram e achavam seguros. Ela não gostava da ideia de que se podia falar com os brancos sem botar sua vida em risco. (ANGELOU, 2018, p. 65)

⁹ É uma organização terrorista que surgiu nos Estados Unidos, no século XIX, e ficou marcada por ser a maior organização do tipo na história desse país. É conhecida por utilizar uma roupa macabra e por promover atos de violência contra negros, judeus, católicos etc. No contexto em que foi criada, essa organização perseguia negros libertos e pessoas que apoiavam a concessão de maiores direitos aos negros no sul dos Estados Unidos. Chegou a contar com quatro milhões de membros em meados da década de 1920. Pregava a supremacia branca.

Maya, de dentro do armazém da avó, tem uma visão privilegiada, pois naquele espaço convive com pessoas heterogêneas e também está em contato íntimo com a rua, com a praça pública. Desse lugar, observa a vida cotidiana, sobretudo atingida pelas diferenças de classe e pelo racismo. Tece considerações sobre os trabalhadores diaristas nas fazendas de algodão. Lembra que essas fazendas se iniciaram e fortaleceram, tendo no negro escravizado, sua mão de obra. Essa economia pujante nos EUA foi resultado da escravização de africanos. Discorre sobre como a situação já não comporta o escravismo legal. O presente, com trabalhadores negros livres, parece, ao olhar de Maya, pouco alterado. O trabalho é degradante e pouco remunerado. No excerto a seguir, temos a descrição dessa situação:

A cada ano, eu observava o campo em frente ao Mercado ficar verde-lagarta e depois gradualmente branco-geada. Sabia exatamente quanto tempo demoraria para as carroças grandes pararem no pátio da frente e serem carregadas de catadores de algodão ao amanhecer para transportá-los para os restos de fazenda de escravos. (ANGELOU, 2018, p. 21)

O sofrimento dos seus semelhantes era percebido e sentido por Maya, que consegue traçar um paralelo evidente entre a escravidão nas fazendas de algodão do sul e o trabalho livre de descendentes de escravos no século XX, de onde parte seu olhar imediato. É a Maya adulta narrando o que os olhos da Maya criança viam. Vale lembrar que no processo abolicionista estadunidense houve a ausência de um projeto nítido de inserção do negro à vida social, o que proporcionou a perpetuação, cultural e econômica da exclusão do negro após a Abolição. Os ideais racistas da supremacia branca ainda hoje contam com a colaboração de políticos, da polícia, do sistema carcerário e judicial nos EUA. Algumas das práticas - espancar, enforcar e assassinar os negros naquele país - estendem-se até o momento atual, 2020, em que explodem manifestações e protestos de vários movimentos ao redor do mundo em decorrência do assassinato por sufocamento (cometido por um policial) do afro-estadunidense George Floyd. E “I can’t breathe”, o grito por justiça dos negros estadunidenses, parece, ecoará por um bom tempo.

Maya conviveu com os estereótipos de beleza em cujo padrão não se encaixava. Quando criança, ouvia constantemente de adultos não pertencentes à sua família, que ela era uma criança feia, que tinha cabelos crespos, compleição física muito grande. Bailey, seu irmão, por outro lado, era tido como uma criança pequena e graciosa, bem diferente da irmã. Essa identidade física negativa a acompanha em outras passagens de sua vida e pode-se generalizar para outras mulheres leitoras que também não se encaixam no estereótipo social exigido. O excerto a seguir exemplifica:

Enquanto eu era descrita pelos nossos amigos de brincadeiras como sendo cor de merda, ele era elogiado pela pele negra de veludo. O cabelo dele caía em cachos pretos, e minha cabeça era coberta de palha de aço preta. Mas ele me amava. (ANGELOU, 2018, p. 37).

A segregação racial é exposta por Maya em vários ambientes. Na escola, nas igrejas, nas ruas. A avó lhe instrui a se distanciar dos brancos a fim de evitar situações trágicas. No entanto, o confronto com o outro vai fortalecendo a identidade negra de

Maya. Momma ensina aos netos uma lição que os dois levarão para a vida toda; ela esclarece aos dois que não é seguro para os negros falarem com os brancos, principalmente com insolência.

O que diferencia uma cidade sulista de outra, ou de uma cidade ou povoado do norte, ou de uma cidade com prédio? A resposta deve ser a experiência compartilhada entre a maioria desconhecida (ela) e a minoria conhecida (você). (ANGELOU, 2018, p. 35)

Momma pretendia ensinar a Bailey e a mim a usar os caminhos da vida que ela e a geração dela e todos os Negros anteriores encontraram e achavam seguros. Ela não gostava da ideia de que se podia falar com os brancos sem botar a vida em risco. E sem dúvida não se podia falar com eles com insolência. Na verdade, mesmo na ausência deles não se podia falar sobre eles com rispidez, a não ser que usássemos o pronome “eles”. (ANGELOU, 2018, p. 65)

Durante esses anos vivendo no Sul com Momma, a autora narra a realidade experimentada pelas pequenas cidades rurais e povoadas por negros no sul dos EUA. Essas regiões, depois da Guerra Civil abolicionista, foram abrigando negros livres que para aí migravam atraídos pela falsa promessa proposta por grandes fazendeiros brancos de que teriam, finalmente, uma terra própria para trabalhar. O acesso ao trabalho e à terra, no entanto, se daria em condições favoráveis ao grande proprietário, tendo por base o *sharecropping*, sistema de trabalho agrícola que se desenvolveu no estado da Geórgia, EUA, após o período da Reconstrução, e em todo o sul do país, durando até meados do século XX. Tal sistema fazia com que os trabalhadores sem-terra produzissem em terrenos locados em propriedades de terceiros, dando como pagamento dinheiro ou parte de sua produção. A questão era que o dinheiro emprestado para o arrendamento de terras deveria ser pago, acrescido de 50% de juros. Em anos ruins de produção, as dívidas se tornavam impagáveis. O negro livre no sul dos EUA tornava-se, então, cativo economicamente.

A relação de favor e dependência foi, na grande maioria, desfavorável ao escravo liberto, perdurando assim o racismo e a desigualdade econômica e social. Chegando ao sul, os negros se viram reféns dos grandes fazendeiros brancos e acabaram de certa forma continuando a serem escravizados com os duros trabalhos realizados nas grandes plantações de algodão e contraindo dívidas com seus patrões, muitos chegando ao ponto de trabalhar de modo exaustivo, basicamente para pagar pela comida e moradia. A família de Momma, no entanto, ao viver de comércio, não é pauperizada. Goza de bem-estar material. Porém, é também discriminada pela comunidade branca, uma vez que o racismo perdura e até se acirra com o confronto entre negros e brancos livres. Esse clima inóspito percorre as situações narrativas descritas.

Um ano após a chegada no Sul, o pai de Maya veio visitá-los sem avisar, o que pegou todos de surpresa. Maya se encanta com a beleza física do pai, que aparece bem vestido e com um belo carro. Ele permanece por três semanas em visita e resolve levá-los novamente para o convívio com a mãe em St. Louis. Momma fica triste com a decisão das

crianças de retornarem, mas acata sem fazer objeções. Após uma longa viagem ao lado do pai, que para eles não passava de um desconhecido, chegam a seu destino.

Ao reencontrar a mãe, Maya se espantou com sua beleza e Bailey se sentiu muito feliz e era perceptível a semelhança do irmão com a mãe, o que leva a protagonista a entender por que o irmão se encantou com ela e esqueceu todo o sofrimento do abandono. A mãe, porém, não demonstrou muito entusiasmo com o retorno dos filhos; o pai permaneceu ali por mais uma semana e subitamente foi embora, deixando-os aos cuidados da avó materna e da mãe que raramente permanecia com eles. Vivian, a mãe, tinha outro companheiro e trabalhava em uma casa de jogos à noite, não tinha tempo para cuidar dos filhos.

Mamãe era competente em nos sustentar. Mesmo que isso significasse arrumar outra pessoa para fornecer provisões. Embora fosse enfermeira, ela nunca trabalhou na profissão enquanto estávamos com ela. O Sr. Freeman levava as necessidades básicas, e ela ganhava um dinheirinho extra trabalhando em jogos de pôquer em casas de jogo. O mundo regular das oito às cinco da tarde não tinha glamour suficiente para ela, e só vinte anos depois eu a vi pela primeira vez em um uniforme de enfermeira. (ANGELOU, 2018 p. 91)

Vovó Baxter, na descrição de Maya, era um quarto negra ou um oitavo negra. Havia sido criada por uma família alemã e veio para St. Louis estudar enfermagem e se casou com seu avô, que era negro e, após ficar viúva, criou os filhos sozinha. É uma figura bastante influente na política local. Maya e seu irmão começam a conviver com os amigos de sua avó (pertencentes ao crime organizado). Os tios, por sua vez, têm empregos na cidade e ocupam, por influência da mãe, cargos preferencialmente destinados a brancos. Na casa da avó, a protagonista e seu irmão são bem tratados, um de seus tios percebendo o deslocamento de Maya e querendo confortá-la chega a lhe dizer que não deve ficar triste pois, apesar de não ser bonita, ela era muito inteligente. Assim descreve sua avó materna, destacando a sua força comunitária:

Ela era influente na delegacia de polícia, e os homens que vestiam ternos elegantes e tinham cicatrizes novas se sentavam com decoro de igreja e esperavam para pedir favores a ela... Quando chegava a eleição, eles tinham que arrumar votos dos bairros deles. Ela costumava lhes conseguir indulgências, e eles sempre conseguiam os votos. (ANGELOU, 2018, p. 82)

Os irmãos moraram com a avó materna por seis meses, antes de voltarem a viver com a mãe, Vivian, e seu atual marido, o Sr. Freeman. O namorado da mãe de Maya era possessivo e ciumento, e começou a molestar Maya e, por fim, aproveitando-se da ausência da mãe que pouco parava em casa, estuprou Maya. Na ocasião, ela tinha oito anos. Após estuprá-la, o homem ameaça matar seu irmão e matá-la também, caso ela conte para alguém. A situação é narrada em capítulo próprio e em detalhes.

E aí, veio a dor. Uma invasão indesejada em que até os sentidos são destruídos. O ato de estupro é a história de uma agulha cedendo porque o

camelo não consegue. A criança cede porque o corpo pode, e a mente do violador não pode. (ANGELOU, 2018, p. 100)

Maya omite o fato da mãe com receio de que o agressor cumpra sua ameaça. Porém, revela o nome dele ao seu irmão, que tinha nove anos. A situação se torna pública. O homem vai a julgamento, é preso (durante um dia e uma noite) e é solto. As políticas segregacionistas eram brandas com os brancos. Alguns dias depois, o homem foi encontrado morto. Tinha sido agredido até a morte, provavelmente pelos tios de Maya como forma de vingança. Assim que soube da notícia e da forma como o agressor foi morto, na sua ingenuidade de criança, ela achou, então, que a atitude de ter revelado a identidade do seu agressor, o havia condenado à morte. Imaginando que sua voz tinha o poder de condenar e matar as pessoas e com sentimento de culpa, Maya decide não falar com ninguém, exceto com seu irmão Bailey. Torna-se muda.

Naqueles momentos, decidi que apesar de Bailey me amar, ele não podia me ajudar. Eu tinha me vendido ao Diabo e não podia haver saída. A única coisa que eu podia fazer era parar de falar com outras pessoas além de Bailey. Instintivamente, ou de alguma forma, eu sabia que, como o amava tanto, eu nunca faria mal a ele, mas se falasse com qualquer outra pessoa, essa pessoa podia morrer também. (ANGELOU, 2018, p. 109)

No início, a família entende o mutismo dela e tenta ajudá-la a superar o ocorrido, porém sem sucesso. Após isso, ela e o irmão são colocados em um trem novamente e enviados para viver com Momma no sul. Maya se sentia aliviada e feliz no retorno, porém, Bailey ia contrariado, pois havia se apegado à mãe e não queria ficar sem a sua presença. Percebe-se que a situação narrada é particularizada, mas também pode se estender a outras Mayas crianças à mercê de contextos desagregadores.

Em Stamps, pela segunda vez, foram acolhidos e tratados com compreensão e cuidado. Sua avó era uma senhora de bastante fé e a incentivava a falar. “Quando você e o bom Senhor estiverem prontos, você vai ser uma pregadora e uma professora. Você vai ensinar muitas coisas ao mundo” (ANGELOU, 2018, p. 117). Contudo, ainda persiste o mutismo e a culpa diante do fato. A vítima não se vê como parte mais fraca.

Maya continua sem falar, mas sua situação se resolve ao encontrar apoio em uma senhora negra, a Sra. Flowers, que era amiga pessoal de sua avó, considerada pela comunidade por sua beleza, inteligência, bondade e cultura. Maya a visitava costumeiramente. Esse relacionamento foi decisivo em sua recuperação. Assim a Sra. Flowers é descrita: “Ela foi uma das poucas damas que conheci e permaneceu em toda a minha vida como medida do que um ser humano pode ser” (ANGELOU, 2018, p. 118). Maya ia uma vez por mês a pedido de Momma à casa dessa senhora. Lá tomavam chá e Maya escutava a declamação de poemas. Um dia a Sra. Flowers disse para Maya que nunca iria gostar de poesia até que conseguisse recitar algum poema; então, lhe presenteia com uma sacola de livros e lança-lhe o desafio de memorizar um poema e, no próximo encontro das duas, recitá-lo. Maya aceita e, nesse processo, volta a falar. Depois disso, torna-se frequentadora assídua da biblioteca local, lendo e decorando obras inteiras de William Shakespeare, Edgar Allan Poe, Paul Laurence Dunbar, Langston

Hughes, James Weldon Johnson entre outros tantos. A narradora informa sobre essa relação com a Sra. Flowers e de como lhe foi benéfica:

Durante quase um ano, fiquei pela casa, pelo mercado, pela escola e pela igreja como um pãozinho velho, sujo e impossível de comer. Então, conheci, ou passei a conhecer, a moça que jogou a primeira boia salvas-vidas da minha vida. (ANGELOU, 2018, p. 117).

O hábito da leitura, estimulado por Momma e pela Sra. Flowers, desempenhou um papel fundamental e significativo no fortalecimento da autoconfiança de Maya e lhe deu o substrato cultural para se transformar, posteriormente, em escritora. Essa situação explicita um dos caminhos trilhados pela autora para se tornar uma escritora renomada nos EUA. Do mutismo, Maya ressurge como grande elaboradora de uma fala social que produz uma literatura afro-estadunidense de inquestionável qualidade e relevância.

Outro cenário descrito é o dos templos religiosos evangélicos. Nesse ambiente, frequentado por afro-estadunidenses, dá-se a sociabilidade das comunidades. Ali se fortalecem enquanto identidade coesa. A religião se apresenta como forma de resistência das comunidades negras; nos cultos, tecem-se críticas ao poder branco; nas pregações, os pastores relatam as desigualdades e sofrimentos passados pela comunidade afro-estadunidense.

No excerto a seguir, narra-se certa ocasião em que, em um sermão sobre a caridade, proferido em um culto, enaltece-se a resistência negra em relação à cultura de exploração branca. Os brancos se elogiavam por praticarem caridade em relação aos pobres e negros. Entretanto, esse ato é visto sob a ótica bíblica em que se assevera que a atitude caritativa não deve servir para a autopromoção:

Na minha compreensão, a caridade não se vangloria. Não é arrogante. Ele se inflou de ar para nos dar a imagem do que a Caridade não era. “A Caridade não sai por aí dizendo ‘Eu lhe dou comida e lhe dou roupas e por direito você tem que me agradecer’”. A congregação sabia de quem ele estava falando e emitiu uma concordância com a análise dele. Diga a verdade, Senhor. (ANGELOU, 2018, p. 153)

No ano de 1940, aos doze anos, Maya se forma na oitava série, em um colégio de maioria branca. O evento de sua formatura enche sua família de orgulho. Momma confecciona o vestido de formatura da neta. O ambiente do evento é de segregação e no discurso do Diretor, este enfatiza que as crianças negras devem se destacar nos esportes e não na carreira acadêmica. Suas palavras revoltam Maya intimamente, bem como os outros alunos negros que também estavam se formando. Logo em seguida, narra-se a entrada de um orador negro cujo discurso destoa do anterior. Ao final da formatura, em protesto, os negros entoam a música “Lift Everybody Voice and Sing”¹⁰, notabilizada como o *Hino Nacional Negro* em alto tom, o que causa orgulho em Maya. Essa passagem é descrita como fortalecedora de sua identidade negra que se forja no confronto de resistência e, em exotopia, com a comunidade branca:

¹⁰ “Ergam todas as vozes e cantem/ Até a terra e o céu ecoarem/ Ecoarem a canção da Liberdade...” (Poema escrito por James Weldon Johnson / Música composta por J. Rosamond).

Estávamos no topo de novo. Como sempre, de novo. Nós sobrevivemos. As profundezas eram geladas e escuras, mas agora um sol forte iluminava nossas almas. Eu não era mais só uma integrante orgulhosa da turma de formandos de 1940; eu era uma integrante orgulhosa da maravilhosa e linda raça Negra. (ANGELOU, 2018, p. 215)

Essa passagem uma vez mais vai além da vida pessoal de Maya ao colocar em cena as lutas por autodeterminação negra.

O tratamento médico é outro tema importante na obra. Em certa ocasião, Maya está acometida com dor de dente e necessita de tratamento odontológico com urgência e o único dentista negro tinha o consultório muito longe. Momma resolveu levá-la ao dentista branco que ficava mais próximo. Chegando lá, o dentista humilhou as duas e disse que preferiria tratar o dente de um cachorro ao de uma negra. O dentista havia emprestado dinheiro de Momma durante a Grande Depressão e ela foi com a intenção de, como ela o havia ajudado, ele também a ajudaria, mas não aconteceu o esperado. Momma, então, cobrou o que ele lhe devia com juros exorbitantes e as duas foram para casa arrasadas. Dias depois, Momma leva a neta ao dentista que cuidava dos negros. Essa passagem também elucida um fato social além da autobiografia, desnudando o racismo e sua superação por parte de Maya e sua avó.

Momma, temendo pela vida dos netos ao entrarem na adolescência, faz com que eles retornem ao norte para morar com a mãe, pois o sul dos EUA era mais violento na segregação racial.

No norte, Maya retorna à escola e é promovida à série posterior após os professores notarem seus conhecimentos avançados. É transferida para uma escola de brancos, onde somente ela e mais dois estudantes são negros. Aos catorze anos, ganha uma bolsa de estudos para cursar dança e teatro em uma renomada escola na Califórnia. Sua mãe se casa novamente com um homem negro rico que fez fortuna com negócios ilícitos. Maya percebe que, ao contrário de seu pai biológico, o padrasto a trata com carinho e se orgulha ao se referir a ela como enteada. Isso faz com que ela se identifique com ele. O pai dela sente ciúmes de sua boa relação com o padrasto e a leva para uma viagem com sua namorada para o México. Lá o casal briga por causa de Maya; então, ela decide fugir do pai e acaba morando por um mês em um ferro velho na companhia dos sem-teto, até que consegue entrar em contato com sua mãe, que lhe envia uma passagem para voltar a São Francisco. Durante esse tempo, morando dentro de um carro em um ferro velho, ela conhece diferentes tipos de pessoas que a fazem repensar as desigualdades econômicas que atingiam tanto os brancos quanto os negros, entendendo o corte de classe social que engloba a questão econômica, além da cultural:

Depois de um mês, meus processos de pensamento tinham mudado tanto que eu mesma mal me reconhecia. A aceitação inquestionável dos meus colegas afastou a insegurança familiar. Era estranho que as crianças sem teto, o limo deixado pela guerra, pudessem me iniciar na irmandade dos homens. (ANGELOU, 2018, p. 292)

Essa convivência com os excluídos, mesmo que fossem brancos, também é significativa na vida de Maya, o que a levou, mais tarde, a participar ativamente de inúmeros movimentos sociais em prol da igualdade social e econômica.

Aos quinze anos, ela decide arrumar um emprego e pausar os estudos na escola e as aulas de dança. Candidata-se então a uma vaga de condutora de trens e, apesar das políticas racistas que cercavam a sua contratação, ela insistiu até que conseguisse a tão sonhada vaga e se tornou a primeira condutora de bondes negra em São Francisco. Quando retorna à escola, sente-se deslocada diante dos seus colegas. Maya, como registramos, não possuía a beleza física feminina idealizada. Desse modo, foi difícil iniciar um namoro, pois os meninos nos quais ela poderia se interessar estavam já interessados em outras garotas de aparência física próxima de certo ideal a que Maya não correspondia. Ela, então, decide procurar um garoto conhecido e lhe propõe que os dois namorem por um dia. Os dois mantêm um intercurso sexual nada idealizado e romantizado. A relação, do ponto de vista de interação existencial e sentimental, não foi significativa para ela. Três semanas depois, Maya descobre que está grávida, no entanto, assume toda a responsabilidade por seu ato e escreve uma carta contando o fato para Bailey. Ele a orienta a não revelar para ninguém naquele momento, pois teme que com isso ela possa perder o ano na escola. Ela esconde de todos a gravidez por oito meses, mas sua família descobre. Sua mãe e seu padrasto, a princípio, ficam assustados, mas reagem positivamente e aceitam a gravidez de Maya sem julgamentos, já que nem a narradora nem o pai da criança tinham interesse em ficar juntos para criar a criança. A gravidez precoce de Maya também é ilustrativa de outras situações semelhantes pelas quais passam meninas adolescentes oriundas de famílias desagregadas.

A narrativa se encerra quando, aos dezesseis anos, Maya Angelou dá à luz ao seu único filho e sua mãe a ajuda e incentiva nos cuidados com o recém-nascido, encorajando-a a levar sua vida adiante. Mais uma situação que ultrapassa a questão pessoal e autobiográfica, pois inclui todo um universo de adolescentes cuja gravidez é precoce, principalmente dentro do contexto a partir do qual narra Angelou.

Depois de um trabalho de parto curto e sem muita dor (concluí que a dor do parto era superestimada), meu filho nasceu. Assim como a gratidão foi confundida na mente com amor, a posse se misturou com a maternidade. Eu tinha um bebê. Ele era lindo e meu. (ANGELOU, 2018, p. 329)

Considerações finais

Após a leitura da obra, algumas questões se evidenciaram. A autobiografia como testemunho do vivido e também como deslinde de identidade se destaca. No entanto, essa particularização do vivido é também a generalização de uma vida, pois a autora conta a sua biografia a partir do coletivo, ou seja, a partir de uma classe social, uma etnia, um gênero. Sua voz é prática social em que se imbricam fatos históricos e concretos. Sua voz é social, dialogicamente correlacionada ao contexto. A Filosofia da Linguagem de tradição materialista-histórica, ancorada em Bakhtin e seu Círculo, nos amparou quanto

ao trato da realidade dialógica e sociológica do discurso autobiográfico. Nesse registro discursivo ocorrem sempre a interpenetração de dois polos: a infância e a idade adulta; o passado e o presente; o ser particularizado e o social; o negro e o branco; a mulher negra e o homem negro; as instituições para negros e as destinadas aos brancos. A linguagem é mediadora entre o vivido e o analisado. Maya adulta e escritora se encontra com Maya criança e adolescente, em posição tanto de exotopia quanto de identificação. Passa a ser sujeito e objeto de sua fala, vendo-se à distância, mas sem sair de si. Os limites entre o vivido e o analisado não podem ser metrificadas. Há uma orgânica dialogia entre eles. A obra é biografia e crônica social, de acordo com Lukács (como já mencionado anteriormente). Outra questão relevante é o protagonismo da voz feminina negra na obra. Levantamos algumas dessas vozes, demonstrando o significado que tiveram na vida de Maya e no contexto em que foram inseridas e agiram. Para o leitor brasileiro, a obra é de extrema relevância, uma vez que, por meio dela, pode acessar a escrita de testemunho de uma autora que fala a partir da comunidade afro-estadunidense. Esta, embora diversa da comunidade afro-brasileira, apresenta semelhanças, haja vista que, no Brasil, ainda perduram traços da cultura escravocrata e o racismo estrutural, como nos EUA. A leitura, neste caso, possui função social por apontar caminhos e reflexões acerca das condições de se ter uma sociedade menos autoritária, racista e sexista.

Referências bibliográficas

ANGELOU, M. *Eu Sei Por que o Pássaro Canta na Gaiola*. Trad. Regiane Winarrski. Bauru: Astral Cultural, 2018.

_____. *Maya Angelou, e ainda resisto*. Disponível em: <<https://www.netflix.com.br/maya-angelou-e-ainda-resisto/28668>>. Acesso em outubro 2019.

_____. *Oprah Talks to Maya Angelou*. Disponível em: <<https://www.oprah.com/omagazine/oprah-interviews-maya-angelou/all>>. Acesso em agosto 2019.

BAKHTIN, M. "O discurso no romance". In: *Questões de literatura e de estética: a teoria do romance*. Trad. Aurora F. Bernardini et alii. 6 ed. São Paulo: Hucitec, 2010.

_____. *Estética da criação verbal*. Trad. Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

LUKÁCS, G. *Ensaio sobre literatura*. 2 ed. Trad. Leandri Konder. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968.

Recebido em: 17/06/2020

Aceito em: 19/06/2020

Referência eletrônica: FANINI, Angela Maria Rubel; AMARAL, Jucélia da Silva; SANDRINI, Paulo Henrique da Cruz. Maya Angelou: biografia e crônica social em *Eu sei por que o pássaro canta na gaiola*. *Criação & Crítica*, n. 27, p., nov. 2020. Disponível em: <<http://revistas.usp.br/criacaoecritica>>. Acesso em: dd mmm. aaaa.